



## **ARTE E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: PERSPECTIVAS ÉTICAS E TECNOLÓGICAS**

Bruno Anderson Souza da Silva\*

### **Resumo:**

O presente artigo aborda a crescente presença da Inteligência Artificial (IA) no cotidiano, destacando seu papel nas atividades artísticas. O objetivo principal é analisar o impacto da IA na criação artística, com uma abordagem filosófica e ética. As escolhas metodológicas envolvem uma investigação do estado atual da produção artística por meio de algoritmos, com destaque para questões éticas como autoria, originalidade e diversidade na arte. O artigo busca oferecer uma reflexão crítica sobre o uso da IA na produção artística, inspirando uma compreensão mais profunda do fenômeno e suas implicações, com referências teóricas notáveis de pensadores como Vilém Flusser, Michel Foucault e Gilles Deleuze, contribuindo para a promoção de um uso ético dessas tecnologias inovadoras.

**Palavras-chave:** Inteligência artificial, Produção artística, Desafios éticos, Diversidade.

## **ART AND ARTIFICIAL INTELLIGENCE: ETHICAL AND TECHNOLOGICAL PERSPECTIVES**

### **Abstract:**

The present article addresses the growing presence of Artificial Intelligence (AI) in everyday life, emphasizing its role in artistic activities. The main objective is to analyze the impact of AI on artistic creation, employing a philosophical and ethical approach. Methodological choices involve an investigation into the current state of artistic production through algorithms, focusing on ethical issues such as authorship, originality, and diversity in art. The article seeks to provide a critical reflection on the use of AI in artistic production, inspiring a deeper understanding of the phenomenon and its implications, with notable theoretical references from thinkers such as Vilém Flusser, Michel Foucault, and Gilles Deleuze. This contributes to the promotion of an ethical use of these innovative technologies.

**Keywords:** Artificial intelligence, Artistic production, Ethical challenges, Diversity

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo visa explorar o impacto do avanço tecnológico, particularmente o uso crescente de técnicas de inteligência artificial, como aprendizagem de máquinas, redes neurais e processamento de linguagem natural, em diversas esferas da vida,

---

\* Pós-doutorando em filosofia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Endereço de e-mail: [bassilva@ucs.br](mailto:bassilva@ucs.br).



incluindo música, cinema, literatura e artes visuais. O foco principal é analisar as implicações filosóficas e éticas decorrentes da incorporação da inteligência artificial na produção artística. No decorrer da análise, este estudo adota uma abordagem que investiga o impacto dessas técnicas nas diversas formas de expressão artística. A pesquisa concentra-se na observação do aumento da capacidade criativa e estética proporcionada pela inteligência artificial, ao mesmo tempo em que explora as preocupações éticas associadas ao crescente papel da tecnologia na prática artística. A metodologia inclui a análise crítica do uso de algoritmos e programas na criação artística, considerando questões como autoria, originalidade e a possível relegação da criatividade humana para a tecnologia. Neste contexto filosófico, o artigo fundamenta-se em referências teóricas significativas, destacando pensadores como Vilém Flusser, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Esses teóricos oferecem insights relevantes para a compreensão das implicações éticas, sociais e culturais decorrentes da interseção entre inteligência artificial e produção artística. A abordagem crítica proposta busca enriquecer a discussão sobre a relação complexa entre criatividade humana, tecnologia e ética no contexto da arte contemporânea.

### **Diversificação na criação artística: Desdobramentos positivos e implicações éticas**

A revolução provocada pela Inteligência Artificial (IA) na criação artística é clara, redefinindo paradigmas tradicionais e instigando uma série de questionamentos éticos e filosóficos. A inserção da IA no âmbito artístico representa não apenas uma aceleração do processo criativo, mas também uma transformação nas noções arraigadas de autoria e autenticidade. Quanto à aceleração do processo criativo, as ferramentas e técnicas de IA, como as Redes Generativas Adversárias (GANs<sup>50</sup>) e sistemas de classificação de imagens, demonstram uma capacidade notável de conceber obras em uma fração do tempo requerido por métodos convencionais. Essa celeridade não apenas

---

<sup>50</sup> Redes Generativas Adversárias (GANs) trata-se de uma técnica que utiliza redes neurais, compostas por um gerador e um discriminador, que colaboram para produzir imagens que se assemelham às fornecidas durante o treinamento. O gerador cria imagens, enquanto o discriminador distingue entre as imagens geradas e as reais. Ao longo do tempo, o gerador ajusta suas saídas, produzindo imagens cada vez mais próximas das originais. Este processo permite a geração eficiente e ágil de uma ampla variedade de imagens.



expande as fronteiras da expressão artística, permitindo aos artistas explorarem novas ideias em curtos períodos, mas também fomenta a acessibilidade na arte. A capacidade da IA de superar barreiras linguísticas, culturais e geográficas revela um potencial positivo na diversificação da produção artística, proporcionando uma experiência única para públicos diversos.

No entanto, a integração da IA na criação artística não ocorre sem suscitar dilemas éticos e filosóficos. A reconfiguração das noções de autoria e autenticidade é especialmente evidente quando obras de arte são geradas por algoritmos e modelos de treinamento. A replicação precisa de obras existentes por meio de ferramentas de IA levanta questões complexas sobre a natureza autêntica e o valor artístico dessas reproduções. O debate, intrinsecamente vinculado ao mercado de arte, destaca a necessidade premente de abordagens éticas na implementação de tecnologias de IA. A interação entre a criatividade humana e a inteligência artificial, ao permitir a geração eficiente de obras de arte, instiga reflexões sobre os limites da autoria e a singularidade da expressão artística.

Embora a colaboração com a IA potencialize a criatividade e inovação, os desafios éticos emergem, especialmente no que diz respeito à autenticidade e originalidade nas produções artísticas que envolvem a interação com algoritmos. A representatividade e inclusão promovidas pela diversidade na produção artística suscitam indagações éticas sobre os critérios de seleção e os potenciais vieses incorporados nas ferramentas de IA. Nesse contexto, a coautoria entre humanos e IA demanda abordagens éticas, abrangendo questões de responsabilidade e transparência no processo criativo.

A interseção entre IA e arte transcende as transformações práticas nos processos criativos e suscita questões filosóficas e éticas cruciais. O futuro desta parceria exige reflexões aprofundadas sobre a natureza da criatividade, autoria e inclusão, contribuindo para uma compreensão mais abrangente das transformações em curso no cenário artístico contemporâneo. Cada ferramenta que se utiliza de IA apresenta suas próprias vantagens e limitações, enfatizando a necessidade de uma escolha informada conforme as necessidades específicas do artista. Como visto, a presença da Inteligência Artificial (IA) na criação artística revela um cenário de



transformações significativas, abrangendo desde a aceleração do processo criativo até uma reconfiguração das concepções tradicionais de autoria e autenticidade na arte. Este panorama, além de suscitar reflexões filosóficas, incita uma análise ética profunda sobre os desafios e preocupações associados ao uso da IA nesse contexto. Portanto é importante reconhecer que essas técnicas ampliam o alcance e a eficiência do processo criativo, e que a IA é uma ferramenta auxiliar, não uma substituição para a criatividade humana, provocando reflexões filosóficas sobre o papel do artista e as fronteiras da autoria na era da colaboração humano-máquina.

### **O impacto da inteligência artificial na criação artística: Reflexões filosóficas e éticas**

Apesar dos avanços promovidos pela IA na criação artística, quero pontuar três dos maiores desafios que preocupam e demandam atenção dos estudos relativos à ética:

1) *Padronização e homogeneização da arte:* A temática da padronização e homogeneização da arte emerge como uma preocupação central relacionada ao uso da IA. Algoritmos e modelos de treinamento, fundamentais para o funcionamento da IA, podem gerar obras em grande escala com notável semelhança entre si. Tal homogeneização compromete a originalidade e diversidade da arte, tornando-a menos apreciada pelo público. Além disso, a padronização pode resultar na diminuição da criatividade e inovação, tornando a indústria da arte menos atrativa para novos talentos e transformando-a em um domínio comercial, com possíveis perdas de sua natureza subversiva e resistente.

2) *Substituição de artistas humanos:* A perspectiva da substituição de artistas humanos pela eficiência da IA adiciona outra camada de complexidade às discussões éticas. A capacidade da IA em possibilitar a criação rápida e eficiente pode impactar a demanda por artistas humanos, potencialmente reduzindo as oportunidades de ganhos no setor. Essa substituição pode resultar na perda da singularidade e subjetividade



intrínsecas à expressão artística humana “aura”<sup>51</sup>, diminuindo a importância das experiências pessoais na criação de arte.

3) *Privacidade e segurança de dados*: A utilização de IA na criação artística também introduz preocupações relacionadas à privacidade e segurança de dados. Algumas ferramentas de IA requerem dados sensíveis dos seus usuários para funcionar, levantando questões sobre violações de privacidade e o potencial uso malicioso desses dados. Além disso, os algoritmos podem refletir preconceitos e estereótipos, resultando em discriminação e injustiça na criação de arte. A autoria e autenticidade das imagens geradas por IA adicionam uma camada adicional de complexidade, influenciando o valor e significado dessas obras.

Em face dessas questões éticas, é imperativo que artistas, pesquisadores e a sociedade em geral se envolvam em discussões aprofundadas e busquem abordagens responsáveis para a utilização da IA na criação artística. Pelo mundo, diversos autores já estão trabalhando a temática da inteligência artificial, entre os quais se destacam Stuart Russell e Peter Norvig, com sua obra "Inteligência Artificial: Uma Abordagem Moderna". Ademais, debates promovidos por pesquisadores internacionais são centrais para a discussão ética na área, incluindo figuras como Evgeny Morozov, Shoshana Zuboff e Luciano Floridi, que abordam questões como privacidade, vigilância e impacto social das tecnologias emergentes.

No Brasil, existe uma quantidade expressiva de textos sobre IA publicados, com destaque para a contribuição do brasileiro João de Fernandes Teixeira. Trabalhos nessa linha têm sido publicados pelo Centro de Inteligência Artificial, do programa do Instituto de Estudos Avançados da USP, que também colabora com iniciativas internacionais para o desenvolvimento responsável e ético da inteligência artificial. Essas colaborações visam integrar perspectivas globais e regionais, garantindo que os avanços tecnológicos beneficiem a sociedade de maneira ampla e equitativa. O diálogo contínuo e o desenvolvimento de diretrizes éticas são cruciais para orientar a evolução da relação entre a IA e a arte de maneira equitativa e sustentável. No âmbito filosófico,

---

<sup>51</sup> Ver BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (Org. e Prefácio – Márcio Seligmann-Silva), Tradução de Gabriel Valladão Silva. 1. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013. Nessa obra o autor aborda a relação entre a arte e o capitalismo, as apropriações do fascismo e a questão da autenticidade como aquela que escapa à reprodutibilidade.



a relação entre a IA e a criação artística levanta indagações sobre a autenticidade da expressão artística. A autoria mediada por algoritmos e modelos de treinamento levanta questionamentos sobre a natureza genuína das obras geradas por meio dessa colaboração entre máquina e criador humano. O desafio filosófico reside em definir e compreender a verdadeira origem e autenticidade dessas produções híbridas.

Devido aos avanços tecnológicos e à ascensão da inteligência artificial na criação de arte, fotos, textos e muito mais, somos capazes de gerar uma quantidade infinita de conteúdo visual e textual com trabalho e custos quase nulos. A praticidade e a velocidade com que esses resultados são produzidos são notáveis. No entanto, essas características levaram à banalização de momentos e à massificação de imagens, resultando na perda de sua capacidade de evocar memórias afetivas genuínas ou de sua “aura”. Além disso, testemunhamos a emergência de uma cultura de idolatria às imagens, onde elas se tornam *commodities*, produtos de consumo. Isso ocorre, em grande parte, devido à ausência de qualquer valor emocional associado a essas imagens, que são geradas em massa pelos dispositivos *mobile* e pela inteligência artificial. Esse cenário levanta questões sobre como a tecnologia está impactando nossa relação com a criação artística e a forma como valorizamos as experiências e memórias.

Podemos dizer que hoje nos encontramos, em relação às novas tecnologias de IA, tal como nos encontramos no começo do século passado com o advento da fotografia e do cinema. Fato que nos evoca questões que envolvem a autoria da obra, a originalidade, a criatividade, a massificação e até a exploração e reprodução de preconceitos, além disso, é importante considerar o impacto da tecnologia nas questões estilísticas e na experiência estética. Esse aspecto pode ser considerado um quarto tópico de discussão. A produção automatizada de imagens, por exemplo, frequentemente prioriza estereótipos construídos socialmente. Um breve exemplo para reflexão: uma IA que, ao ser comandada para gerar uma imagem de “ser humano em trabalho doméstico”, acaba por criar a imagem de uma mulher negra. Este caso ilustra como os algoritmos podem reforçar preconceitos existentes, destacando a necessidade de abordagens críticas e éticas no desenvolvimento e na implementação de tecnologias de inteligência artificial. A compreensão e a mitigação desses vieses são essenciais para



garantir que a IA contribua para uma representação justa e diversificada das diversas realidades sociais.

Como pontos positivos, podemos destacar que a inteligência artificial oferece novas possibilidades de expressão artística, ampliando os limites da criatividade e proporcionando oportunidades de experimentação e estilos por parte dos artistas. Porém, surgem preocupações em relação à perda da singularidade e autenticidade na arte, assim como ao impacto da automação na prática artística tradicional. Isso pode ser comparado ao que Walter Benjamin explora em sua obra *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*<sup>52</sup> (2013), onde o autor fala sobre o impacto da reprodução técnica das obras de arte, apontando que a sua reprodução em massa compromete a “aura” única e autêntica que caracteriza a obra original.

Na medida em que as noções como reprodução e objeto eram reforçadas na sociedade burguesa, foram impostas às concepções artísticas uma perspectiva mercantilista, fazendo com que a arte também se tornasse um bem de consumo, uma vez que os meios tecnológicos permitiam a reprodução em série de livros, vídeos e discos, teledramaturgia, entre outros, objetos artísticos. Houve como consequência a perda da autenticidade das obras ou, como nas palavras do filósofo alemão, resultou na perda de sua “aura” (2013). Isso gerou um sentimento de insatisfação nos artistas da época, que buscam e apostam em novas experimentações e novas poéticas que fossem capazes de romper com o cânone ocidental nas artes e ao mesmo tempo pudessem resistir às investidas do mercado em transformar a arte em produto. Dessa forma, as manifestações artísticas começam a pensar em uma conexão com as questões políticas e sociais, ou seja, não mais pensar nessa produção descolada da vida, o que fez surgir os primeiros movimentos de vanguarda: futurismo, dadaísmo, expressionismo, entre outros.

Porém, mesmo os movimentos de vanguarda almejando um rompimento geral com a institucionalização da arte, eles não conseguiram fazer isso, pois a indústria cultural legitimaria o relativismo estético, a pluralidade de expressão e a autoridade da instituição de mercado. Ou seja, mesmo com todos os esforços dos artistas para fugir do mercado, o capital deu seu jeito de assegurar que a arte continuasse sob sua lógica de

---

<sup>52</sup> BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Tradução de Gabriel Valladão Silva. 1. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.



mercado e consumo. Mesmo assim, esses movimentos ainda possuem e merecem destaque, uma vez que denunciavam o sistema de arte burguês propondo diferentes tipos de experimentações que iam muito além do realismo. À sua maneira, cada um desses movimentos de vanguarda propôs repensar as configurações de mundo, abarcando em suas críticas os diferentes tipos de arte existente - artes cênicas, plásticas, musicais etc. -, destrinchando-as até seus limites, propondo diferentes materiais e linguagens e agregando novas perspectivas sobre o que pode ou não ser considerado arte. Isso posto, cabe-nos a reflexão se ao considerarmos a introdução da inteligência artificial na produção artística, ampliam-se os questionamentos sobre a originalidade e singularidade da arte, uma vez que algoritmos são utilizados para replicar padrões estabelecidos, colocando em xeque a autenticidade da criação artística e da arte como um todo. Portanto, o diálogo contínuo entre comunidades artísticas, pesquisadores e a sociedade em geral é crucial para mitigar desafios éticos e explorar plenamente o potencial transformador dessa colaboração.

### **O Papel transformador da inteligência artificial na fotografia: Implicações filosóficas e éticas**

O filósofo Vilém Flusser (2002), questiona o uso das tecnologias em sua obra denominada *Filosofia da caixa preta*<sup>53</sup>, onde o autor aborda questões sobre a fotografia e as formas de produção imagética. Ele destaca que a democratização do acesso à fotografia não necessariamente implica em uma compreensão aprofundada das imagens capturadas e que muitas vezes a intenção do dispositivo fotográfico pode prevalecer sobre a intenção do fotógrafo, levantando questões sobre o controle e influência exercidos pelos aparelhos tecnológicos na criação e interpretação das imagens. Ao longo do tempo, as dinâmicas que envolvem a fotografia passaram por transformações significativas, evoluindo de um meio predominantemente privado para uma esfera mais comum e coletiva. Essas características, em grande parte, podem ser destacadas ao avanço da tecnologia, especialmente à abordagem das câmeras em dispositivos móveis, bem como à crescente influência da inteligência artificial na criação de imagens.

---

<sup>53</sup> FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 2002.





Anteriormente, a fotografia era reservada a um grupo restrito de indivíduos devido à complexidade das câmeras, que eram, em sua maioria, grandes e repletas de componentes externos, exigindo habilidades técnicas específicas para operá-las. Além disso, o alto custo associado tornava rara a presença de câmeras em bolsos e bolsas, por exemplo, sendo mais comuns nas mãos de profissionais especializados na área. Hoje, no entanto, a onipresença das câmeras em smartphones democratizou a fotografia, permitindo que praticamente todos se considerem fotógrafos. A facilidade de capturar momentos únicos é notável, e qualquer pessoa pode documentar eventos inusitados, trágicos ou até mesmo históricos. O que outrora permanecia apenas na memória daqueles que testemunharam esses momentos agora é compartilhado com o mundo em questão de segundos. Entretanto, é importante considerar que possuir um dispositivo com câmera não faz automaticamente de alguém um fotógrafo profissional. Como é explicado por Flusser, ao comparar o fotógrafo a um escritor:

Quem escreve precisa dominar as regras da gramática e ortografia. Fotógrafo amador apenas obedece a modos de usar, cada vez mais simples, inscritos ao lado externo do aparelho. Democracia é isto. De maneira que quem fotografa como amador não pode decifrar fotografias. Sua práxis o impede de fazê-lo, pois o fotógrafo amador crê ser o fotografar gesto automático graças ao qual o mundo vai aparecendo. Impõe-se conclusão paradoxal: quanto mais houver gente fotografando, tanto mais difícil se tornará o deciframento de fotografias, já que todos acreditam saber fazê-las. (FLUSSER, 2002, p. 54 - 55)

Estes equipamentos modernos, conforme dito por Flusser, efetivamente democratizam o ato de fazer fotografia. Conforme indicado pelo autor, essa democratização da fotografia possibilitou que um grande número de pessoas produzisse imagens, embora apenas uma minoria tenha a capacidade real de compreender, interpretar e decodificar profundamente essas imagens. Essa dinâmica se aplica igualmente às obras de arte criadas com o auxílio da inteligência artificial. A acessibilidade e o alcance fornecidos por dispositivos fotográficos e a redes de computadores criam um cenário onde a produção de imagens e a arte se tornam mais extremamente acessíveis. No entanto, a compreensão e a análise crítica de tais criações



exigem um nível de proficiência e discernimento que vão além do simples ato de capturar ou gerar imagens. Como as pessoas lidam com essa avalanche de imagens e obras produzidas em massa? E como podemos aprofundar sua apreciação e interpretação de imagens que muitas vezes são criadas de maneira automatizada?

Nesse contexto, surgem questões relevantes sobre a educação e a alfabetização visual, que se tornam essenciais para navegar no mundo saturado de imagens e apreciar plenamente a arte, seja ela criada por fotógrafos amadores, artistas de IA ou profissionais. Além disso, como a IA está influenciando e moldando a criação artística, é importante questionar como a inteligência artificial pode ser usada de forma criativa, ética e crítica para enriquecer a experiência artística e comunicativa, ao invés de simplesmente automatizar o processo criativo do artista. Pois como bem comparado por Flusser:

De modo geral, todo mundo possui um aparelho fotográfico e fotografa, assim como, praticamente, todo mundo está alfabetizado e produz textos. Quem sabe escrever, sabe ler; logo, quem sabe fotografar sabe decifrar fotografias. Engano. Para captarmos a razão pela qual quem fotografa pode ser analfabeto fotográfico, é preciso considerar a democratização do ato fotográfico. Tal consideração poderá contribuir, de passagem, à nossa compreensão da democracia em seu sentido mais amplo. (FLUSSER, 2002, p. 53).

Conforme destacado pelo autor, essa rotina de fotografias resulta em um dilúvio de imagens que, de acordo com a observação de Flusser, “eterniza a automaticidade inconsciente de quem fotografa. Quem contemplar um álbum de um fotógrafo amador, venderá uma memória de um aparelho, não a de um homem”. (FLUSSER, 2002, p. 54). Esse pensamento, atualmente, pode ser facilmente aplicado em obras de arte geradas por inteligência artificial. Essas obras de arte criadas por IA têm a capacidade de produzir ou reproduzir técnicas de maneira extremamente precisa, mas muitas vezes carecem de uma reflexão ética e de uma exploração profunda do significado da criação artística e do papel da arte em si. Isso levanta uma questão essencial: ao apreciar uma obra de arte produzida por uma IA, mesmo que ela esteja apenas executando um comando do artista que opera a máquina, estamos testemunhando a criação de um ser humano ou de uma máquina?



A relação entre o artista e a obra se torna nebulosa quando a inteligência artificial assume um papel tão proeminente na criação artística. Isso nos conduz a uma reflexão sobre o papel da intenção humana, da criatividade e do propósito na arte. Como podemos entender o significado e o valor dessas obras que, apesar de serem técnicas impressionantes, muitas vezes carecem da profundidade conceitual e emocional associada à criação artística humana? Essa interseção entre arte e tecnologia levanta questões importantes sobre a natureza da criatividade e a avaliação da arte em um mundo cada vez mais impregnado pela inteligência artificial, e evidencia uma mudança fundamental em nossa abordagem em relação à fotografia e a arte, onde, em vez de contemplar, estamos cada vez mais preocupados em registrar.

Essa tendência desencadeia uma enxurrada de registros desprovidos de memória afetiva, e muitas vezes nos tornamos "possuídos" pelos dispositivos, capturando fotos em série, que muitas vezes são relegadas ao esquecimento nos vastos arquivos digitais disponíveis na internet ou nas memórias de nossos aparelhos. Esse comportamento resulta na diminuição da importância do "instante decisivo" e na crescente idolatria das imagens. Essa idolatria, em particular, é ampliada pelo fato de que os equipamentos digitais tornam possível a captura de uma quantidade imensa de cenas sem custos financeiros gerados para o fotógrafo, já que essas imagens são, basicamente, dados digitais. Diferente das mídias antigas, como o filme, que tinha um custo para se adquirir e para se revelar. Essa influência não reflete apenas no produto de imagens, mas também se reflete diretamente nas produções artísticas feitas por inteligência artificial. Isso ocorre, uma vez que essas inteligências se alimentam desses bancos de imagens, como, por exemplo, a foto de uma obra em um museu, para criarem suas artes. Nesse contexto, a inteligência artificial não apenas facilita a produção de imagens, mas também questiona o valor atribuído a essas imagens. Elas ampliam a sacralização do "instante decisivo" ao produzir uma grande quantidade de imagens automaticamente, sem envolver o olhar humano. A inteligência artificial não só muda a dinâmica da criação artística, mas também a maneira como apreciamos e avaliamos o que é produzido.

No âmbito das fotografias, Flusser diz que existem duas intenções codificadoras: a do fotógrafo e a do aparelho. "O fotógrafo visa eternizar-se nos outros



por intermédio da fotografia. O aparelho visa programar a sociedade através das fotografias para um comportamento que lhe permita aperfeiçoar-se” (FLUSSER, 2002, p. 43). E ainda, segundo o autor, seria a fotografia a mensagem que articula essas duas intenções, permitindo que as intenções do aparelho prevaleçam sobre as do homem. Flusser diz:

Esquemáticamente, a intenção do fotógrafo é esta: 1. codificar, em forma de imagens, os conceitos que tem na memória; 2. servir-se do aparelho para tanto; 3. fazer com que tais imagens sirvam de modelos para outros homens; 4. fixar tais imagens para sempre. Resumindo: A intenção é a de eternizar seus conceitos em forma de imagens acessíveis a outros, a fim de se eternizar nos outros. Esquemáticamente, a intenção programada no aparelho é esta: 1. codificar os conceitos inscritos no seu programa, em forma de imagens; 2. servir-se de um fotógrafo, a menos que esteja programado para fotografar automaticamente; 3. fazer com que tais imagens sirvam de modelos para homens; 4. fazer imagens sempre mais aperfeiçoadas. Resumindo: a intenção programada no aparelho é a de realizar o seu programa, ou seja, programar os homens para que lhe sirvam de feedback para o seu contínuo aperfeiçoamento. (FLUSSER, 2002, p. 41 - 42).

O pensamento de Flusser nos conduz a uma série de reflexões profundas sobre a tecnologia, em particular a fotografia, e como ela está moldando nossas vidas. No entanto, podemos facilmente aplicar esses conceitos à inteligência artificial produtora de arte. Atualmente, muitas pessoas não vivem mais suas vidas no sentido tradicional, mas sim em função de seus dispositivos e das imagens que podem criar com eles. Viver a vida no sentido tradicional filosoficamente pode ser interpretado como viver de acordo com valores e princípios fundamentais, em harmonia com a natureza, a sociedade e consigo mesmo. Isso implica em buscar experiências autênticas, cultivar relacionamentos significativos, contribuir para o bem-estar coletivo e encontrar um propósito pessoal que transcenda a busca por status ou poder material. Hoje em dia muitas pessoas não vivem dessa maneira tradicional. Em vez disso, suas vidas são guiadas pela constante interação com dispositivos tecnológicos e pela busca por uma imagem idealizada de si mesmas nas redes sociais. Isso pode levar a uma desconexão com a realidade, uma falta de experiências genuínas e uma preocupação excessiva com a aparência exterior em detrimento do desenvolvimento interior e das relações



interpessoais profundas. A fotografia, que costumava ser um meio de registrar momentos, se transformou em um fim em si mesma. Nesse contexto, a influência da cultura digital é notável. As pessoas não apenas se retratam, mas moldam suas identidades de acordo com os interesses e expectativas de outros, ou melhor, de avatares. Surge a necessidade de criar um "eu social", ou até mesmo uma máscara.

Nos dias atuais, o emprego crescente da Inteligência Artificial (IA) em conjunto com o software de edição de imagens, como o Photoshop, tem redefinido paradigmas na criação da fotografia. A IA, quando integrada ao Photoshop, por exemplo, possibilita diversas abordagens para aprimorar a qualidade de imagens preexistentes. Esta capacidade abrange desde a remoção de imperfeições na pele ou de objetos considerados indesejados, até o ajuste dinâmico de contrastes, brilho e nitidez. Outro aspecto significativo da integração entre IA em programas de tratamento de imagem reside na criação de ferramentas de edição automatizadas. Ou seja, a IA possibilita a identificação de objetos em uma imagem, viabilizando a remoção automática do fundo, economizando tempo e esforço dos artistas. Além disso, a IA pode ser empregada para desenvolver ferramentas de edição personalizadas, ajustadas às necessidades individuais e preferências estéticas, aprimorando a eficiência e criatividade do processo de edição.

Nesse contexto, a aplicação da IA possibilita aos fotógrafos otimizar rapidamente imagens já estabelecidas, concentrando-se mais intensivamente em aspectos criativos e inovadores. O aprimoramento resultante promove uma eficiência notável, economizando tempo e recursos. Além do aprimoramento, a IA, em colaboração com softwares de fotografia, também pode produzir imagens inteiramente novas, como ilustrações, troca de rostos e corpos, e imagens abstratas. Como visto, esses recursos administrados por meio de IA na fotografia não apenas permitem aprimorar a qualidade de imagens existentes, mas também desencadeiam a criação de composições completamente novas, evidenciando assim um panorama inovador e multifacetado. Sendo assim, a capacidade da IA em gerar composições inovadoras reconfigura as possibilidades criativas disponíveis para os fotógrafos e artistas, ampliando os horizontes da expressão visual.



No entanto, a aplicação da IA na criação artística, especialmente no âmbito fotográfico, suscita questões éticas e de responsabilidade. Por exemplo, a capacidade de criar ou manipular imagens com o intuito de enganar ou prejudicar pessoas, como observado nas infames Fake News, constitui uma preocupação ética premente. A disseminação desse comportamento antiético, particularmente no contexto online, demanda uma reflexão ética abrangente sobre os limites e responsabilidades associados ao uso da IA na manipulação de imagens. Em resumo, a fusão entre IA e fotografia no contexto dos softwares de tratamento de imagens evidencia não apenas avanços tecnológicos impressionantes, mas também implicações filosóficas e éticas significativas.

Nesse contexto, a inteligência artificial assume um papel de destaque ao influenciar na forma como as imagens são produzidas e compartilhadas, afetando nossa busca pela facilidade e nossa necessidade de criar uma imagem pública. A convergência entre tecnologia, identidade e criação artística torna-se mais evidente à medida que a IA redefine não apenas o ato de fotografar, mas também a própria natureza da expressão artística e da comunicação, produzindo suas próprias obras. Podemos dizer que a autonomia dos aparelhos levou à inversão de sua relação com os seres humanos. Estes, sem exceção, funcionam em função dos aparelhos. No entanto, como lembra Flusser, não pode haver “proprietário de aparelhos”. Uma vez que os aparelhos não obedecem mais ao controle humano, não pertencem a ninguém. “Quem crê ser possuidor de aparelho é, na realidade, possuído por ele”. (FLUSSER, 2002, p. 69). Ainda segundo o autor.

O homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função de imagens. Não mais decifra as cenas da imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria. Para o idólatra – o homem que vive magicamente –, a realidade reflete imagens. Podemos observar, hoje, de que forma se processa a magicização da vida: as imagens técnicas, atualmente onipresentes, ilustram a inversão da função imaginística e remagicizam a vida. (FLUSSER, 2002, p. 9).

Michel Foucault (1987) nos alerta para a importância de compreender os mecanismos de poder e controle presentes na sociedade, reconhecendo que o poder não



está apenas nas mãos de uma autoridade central, mas se dissemina em diversos aspectos da vida cotidiana. Nesse sentido, é fundamental analisar como a inteligência artificial na produção artística pode reproduzir ou desafiar essas estruturas de poder e controle. Gilles Deleuze (1992) corrobora com Foucault, chamando a atenção para a natureza fluida e flexível da sociedade, denominada por ele como "sociedade de controle"<sup>54</sup>. Segundo o autor, a relação entre a subjetividade e as tecnologias, especialmente no contexto das sociedades contemporâneas permeadas pelas tecnologias de informação e comunicação e os dispositivos tecnológicos que exercem influência e controle sobre os indivíduos, molda suas experiências e transforma suas vidas em função desses aparelhos. Ou seja, as pessoas querem ter o controle, mas não percebem que na verdade estão sendo controladas. Os dispositivos que criamos para nos servir, na verdade, estão nos escravizando. Nesse contexto, podemos pensar que essa dinâmica também se reflete na produção artística, em que as obras são criadas e interpretadas em conformidade com as tecnologias empregadas. A utilização da inteligência artificial na produção artística pode ser vista como uma ferramenta que possibilita tanto a ampliação das possibilidades criativas como o reforço de sistemas de vigilância e padronização. Portanto, é necessário refletir sobre como podemos utilizar a inteligência artificial de forma consciente e crítica, evitando a perpetuação de lógicas de controle e promovendo a liberdade de expressão e a diversidade artística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revolução promovida pela Inteligência Artificial (IA) na esfera artística representa uma transformação profunda nos processos de criação, consumo e apreciação da arte. A aplicação de técnicas avançadas de aprendizado de máquina abre novas perspectivas para os artistas e fotógrafos ao oferecer suporte na concepção de imagens notáveis, estimular a geração de ideias criativas e automatizar tarefas cotidianas de edição de imagem. Contudo, essa revolução não está isenta de desafios e preocupações

---

<sup>54</sup> DELEUZE, Gilles. *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. pp. 219-226. Publicado originalmente em maio de 1990 no jornal francês L'Autre Journal, nº 1. Disponível em: <<https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-gconversac3a7c3b5es.pdf>>. Acesso em: 25/06/2023



éticas e filosóficas que permeiam seu impacto nas práticas artísticas contemporâneas. A contribuição da IA para a criação de imagens excepcionais destaca-se pelo potencial de catalisar a inovação artística. A capacidade de explorar novas abordagens e conceitos é enriquecida pela colaboração com algoritmos sofisticados. Tais avanços propiciam uma visão expandida da criatividade, promovendo a produção de obras de arte impressionantes e abstratas que transcendem as fronteiras do convencional.

Entretanto, esse cenário de transformação não está isento de desafios éticos e preocupações. Como as informações são coletadas, usadas e compartilhadas? Qual é o impacto disso na privacidade das pessoas? Quem controla e detém o poder sobre esses dados? Além disso, à medida que as imagens digitais proliferam, a preservação das memórias culturais torna-se uma preocupação relevante. Nesse contexto, é fundamental examinar os desafios e oportunidades éticas e estéticas associadas à utilização da inteligência artificial na produção artística contemporânea. Por exemplo, a utilização da inteligência artificial na produção artística pode perpetuar preconceitos e estereótipos, já que os algoritmos são treinados com dados existentes e podem reproduzir os mesmos vieses e desigualdades presentes na sociedade. Isso pode levar a uma falta de diversidade e inclusão na produção artística. Por isso, é preciso garantir uma abordagem crítica e consciente na utilização da inteligência artificial na produção artística, de modo a evitar a reprodução de estruturas de controle e promover a diversidade, a originalidade e a ética na criação artística. Uma abordagem filosófica crítica nesse contexto envolve questionar as relações de poder e controle presentes na utilização da inteligência artificial. É preciso analisar como os algoritmos são construídos, quais são os pressupostos e vieses embutidos neles e como essas escolhas podem influenciar a produção fotográfica e artística e a percepção estética.

A automação de tarefas rotineiras de edição de imagem, embora aumente a eficiência, também suscita outras inquietações relacionadas à perda de empregos, por exemplo. Além disso, a perpetuação de viés e desigualdades em imagens geradas por IA destaca a importância de abordagens éticas na implementação dessas tecnologias. Essas preocupações filosóficas remetem à reflexão sobre a autenticidade e origem das obras de arte geradas em colaboração entre a inteligência artificial e o criador humano. A parceria entre IA e criação artística humana, quando explorada de maneira ética, pode





resultar em um cenário em que a tecnologia complementa a criatividade humana, em vez de substituí-la. É crucial que artistas e fotógrafos assumam um papel ativo na integração dessas tecnologias, garantindo que o impacto da IA na arte e na fotografia seja positivo e inclusivo. Enquanto a IA se torna uma peça fundamental na criação de arte digital, é imperativo que a interação entre a criatividade humana e a inteligência artificial seja cuidadosamente guiada por princípios éticos. A colaboração harmoniosa entre artistas e tecnologia tem o potencial de redefinir os horizontes da arte contemporânea, transformando não apenas o processo criativo, mas também as narrativas culturais que moldam nossa compreensão da expressão artística. A acessibilidade e inclusividade, promovidas pela IA, oferecem oportunidades para ampliar o alcance da arte a públicos diversos, desencadeando uma democratização do acesso à expressão artística.

Isso posto, outras questões éticas se apresentam, tais como a responsabilidade do artista diante das consequências de obras geradas por algoritmos e os possíveis vieses presentes nos próprios algoritmos. Sendo assim, a análise filosófica sobre a utilização da inteligência artificial na produção artística nos leva a refletir sobre os desafios éticos e estéticos que surgem nesse contexto. É fundamental promover um diálogo crítico entre artistas, filósofos e pesquisadores, a fim de desenvolver práticas e estratégias que garantam a ética na utilização da inteligência artificial e estimulem a originalidade e a diversidade na criação artística, evitando a reprodução de estruturas de controle presentes na sociedade. Somente assim poderemos explorar plenamente as possibilidades artísticas e estéticas oferecidas pela interseção entre arte e inteligência artificial, contribuindo para uma produção artística reflexiva, inovadora, humanizada e socialmente responsável.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. de Vinicius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009.



- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.
- BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Tradução de Gabriel Valladão Silva. 1. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- COUCHOT, Edmond. *A tecnologia na arte. Da fotografia à realidade virtual*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. Disponível em: <https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-g-conversac3a7c3b5es.pdf>. Acesso em: 25 de Jan. 2017.
- DELEUZE, Gilles. *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*. In: *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. pp. 219-226. Publicado originalmente em maio de 1990 no jornal francês L'Autre Journal, nº 1. Disponível em: <<https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuzegconversac3a7c3b5es.pdf>>. Acesso em: 25/06/2023
- DIDI-HUBERMAN, GEORGES. *A inelutável cisão do ver*. In: *O que vemos, o que nos olha*. Tradução Paulo Neves. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DOMINGUES, Diana (org.) *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: UNESP, 1997.
- FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*: Tradução de Raquel Ramallete. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.